

Um fato midiático: o pornoerotismo do “Caderno Rosa”¹

Potiguara Mendes da Silveira Jr.²

Resumo: Explorando a hipótese de que a teoria da comunicação depende de uma teoria geral dos vínculos, consideram-se alguns aspectos do processo de permissão da pornografia no cenário cultural brasileiro dos anos 1990. Toma-se Hilda Hilst como criadora de um fato midiático exemplar dessa permissão e examinam-se os paralelos entre pornografia, erotismo e mística. Finalmente, destaca-se o conceito de *Vínculo Absoluto* como vínculo essencial do humano.

Palavras-chave: teoria da comunicação; pornografia, erotismo e mística; psicanálise.

Abstract: Based on the hypothesis that communication theory depends on a general theory of ties, this paper studies some aspects of the process of pornography’s permission in Brazilian cultural scene of the 1990’s. It also takes the writer Hilda Hilst as the creator of an exemplary mediatic fact of this permission, and examines the relations between pornography, eroticism and mystics. Last, it emphasizes the concept of an *Absolute Tie*, viewed as the essential tie to human beings.

Keywords: communication theory; pornography, eroticism and mystics; psychoanalysis

O interesse pela natureza do *vínculo* é antigo na história do pensamento e se renova incisivamente hoje ante a onipresença dos “laços telecomunicativos” da sociedade de massas (Sloterdijk [1999]: 10-17), em que o *continuum* humano do campo do sentido e do processo da significação tem se mostrado cada vez mais vinculado ao universo das máquinas e suas unidades discretas computáveis em bits de informação (Eco [1968]: 20s). No ambiente sociotécnico resultante desta crescente convergência entre sinal e sentido também é crescente o questionamento do modelo pedagógico humanista estabelecido desde o século 17. Seus vínculos sustentaram a coesão cultural do Ocidente até agora

¹ Desenvolvimento de idéias esboçadas em *O pornoerotismo do Caderno Rosa: um pequeno dossiê*, artigo publicado com alunos da disciplina “Estética e comunicação de massa” (Faculdade de Comunicação / UFJF). Cf.: <http://www.facha.edu.br/publicacoes/comum/comum28/Artigo6.pdf>

² Professor (PPGCom / Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF). Doutor (Eco / UFRJ). Pós-Doutor (CECL / Universidade Nova de Lisboa). Psicanalista (NovaMente / RJ).
Email: potiguaramsjr@uol.com.br – Homepage: www.novamente.org.br

mediante o privilégio do registro simbólico, responsável pela produção e disseminação da tecnologia imprescindível ao nosso cotidiano. Por outro lado, acontecimentos recentes como considerações sobre o pós-humano, “máquinas espirituais” (Kurzweil, 1999 e 2005), “descobertas das ciências da mente, cérebro, genes e evolução” (Pinker [2002]: 14) e turbulências sociais de alcance planetário nos levam a reavaliar a hegemonia desse registro e retomar o estudo dos outros regimes de vinculação que operam para além e aquém dele.

É neste sentido que se encaminha nossa pesquisa³ sobre o estatuto e a pragmática de uma teoria da comunicação conseqüente com a aceleração tecnológica ocorrida nas últimas décadas. A hipótese que pretendemos explorar de início é: a teoria da comunicação depende de uma teoria geral dos vínculos para garantir a eficácia analítico-descritiva de suas categorias, postulados, observações e intervenções. Vínculo será tomado em acepção ampla: desde “aquilo que ata, liga ou aperta; nó, liame, elo” até “o que estabelece um relacionamento lógico ou de dependência” (entre duas ou mais coisas ou pessoas).

Fronteiras esmaecidas: erotismo / pornografia

Aceito o cenário indicado acima, partimos do fato de vários autores apontarem que está difícil delimitar ou manter fronteiras em qualquer campo. Tomemos uma: erotismo / pornografia. Nem o étimo *porno* (do gr. *pórné,és* ‘prostituta’ ou *pórnos,ou* ‘que se prostitui, depravado’) parece conseguir apontar alguma nítida distinção. Basta lembrar da “prostituição universal”, de Marx⁴, para perguntarmos, por exemplo, se não participamos dela de algum modo. Ou melhor, para avaliar o grau de nossa participação – quem sabe não estamos recebendo pouco? –, pois o panorama atual do mundo não tem deixado muita possibilidade de excluirmos ninguém. Haja vista, por exemplo, ao fenômeno editorial do livro (já traduzido nos EUA e América Latina, e a ser adaptado para o cinema) de Bruna Surfistinha (2005) (nome artístico de Raquel Pacheco (1984-)), autodefinida como ex-garota de programa, egressa da classe média e tornada ídolo de adolescentes escolarizados ao relatar suas aventuras sexuais online. Em seu blog, diz ela coisas do tipo: “Antes de me criticarem, por favor me superem”⁵.

³ Intitulada: A transformação dos vínculos. Iniciada em 2006, após o término da pesquisa “Artificialismo Total”, que resultou em tese de pós-doutoramento apresentada em 2005 ao Centro de Estudos da Comunicação e Linguagens / UNL, sob a orientação de José A. Bragança de Miranda. Cf. (Silveira Jr., 2006)

⁴ “Assim como a mulher <Weib> terá de passar do matrimônio para a prostituição universal <allgemeine Prostitution>, igualmente todo o mundo das riquezas, *i. e.*, a essência objetiva dos seres humanos, terá de passar da relação de casamento exclusivo com o proprietário particular para a de prostituição universal com a comunidade” (*Manuscritos Econômicos e Filosóficos* [1844]: Propriedade Privada e Comunismo (do Terceiro Manuscrito) *ad* pág. XXXIX). Cf.: <http://puers.campus2.br/~csouza/ebooks/filosofia/marx/marxproprivada.pdf>

⁵ Citado em Trigo, 2006.

Citamos Bruna por ser um bom exemplo da passagem já realizada da pornografia, de item proibido e não oficialmente aceito, a segmento de mercado igual a outros. Como esta passagem se inclui num conjunto de atitudes antes impensadas, mas hoje bem disponíveis, propomos uma pergunta para avaliar sua extensão: é descabido farejar na frase de Bruna um tom simultaneamente suplicante e desafiante que caberia a alguém como Santa Teresa Dávila (1515-1582) dirigir a seus confessores, que, por um lado, percebiam a força do que lhe acontecia e, por outro, eram omissos ante as pressões que a Inquisição lhe impunha⁶? O sentido da pergunta e seu interesse para nossas considerações sobre as relações entre pornografia, erotismo e mística ficarão mais claros a seguir.

Atualmente, não causa estranheza justapor personagens aparentemente díspares como Teresa e Bruna, pois já se difundiu bastante a percepção de que tudo está conectado a tudo (Barabási, 2002). Assim, com o objetivo de repertoriar algumas conexões do cotidiano psicotecnológico que se implanta a partir do final do século 20, aplicaremos uma ferramenta teórica também produzida nessa época na expectativa de que nos possibilite descrever certos aspectos da passagem da proibição à permissão da pornografia no Brasil.

Breve interlúdio teórico

Na seqüência da reformulação da psicanálise realizada por MD Magno a partir dos anos 1970 – chamada Nova Psicanálise ou NovaMente –, cria-se um campo de estudo denominado Gnômica, o qual se configura como gnoseologia (e não como epistemologia) e visa inquirir sobre as condições e desempenhos da produção do conhecimento. Seu modo de operação é a Transformática⁷, que visa acompanhar e descrever os processos de coleta e arquivamento das transposições e conexões das formações (pensamentos e coisas).

Sua especificidade está no recurso ao conceito de In-diferenciação, que implica (não tomar tudo como igual, mas) considerar tudo referindo-se a um ponto neutro que possibilita examinar coisas diferentes em caráter de equivalência e de não-exclusão. É uma

⁶ Como diz Jacyntho José Lins Brandão, na ‘Introdução’ ao *Castelo Interior ou Moradas*: “...a grande descoberta que Teresa pretende divulgar: Deus habita no mais íntimo da alma. Tal verdade – compreendida por ela através da experiência (...) Contra ela se posicionaram inclusive vários de seus confessores, que admitiam essa presença divina apenas através da graça, nunca em essência” (Santa Teresa [1577]: 8-9). Ela, aliás muito diplomaticamente, diz perceber que “o confessor tem pouca experiência e é temeroso” (p. 201).

⁷ Lançada nas seções 21 e 22 de (Magno [1996]: 391-428), e desenvolvida em (Magno [1998]). A Transformática se propõe num sentido de mão dupla: (a) a teoria completa da comunicação é uma teoria psicanalítica, e (b) a psicanálise é uma teoria plena da comunicação. Suas bases estão expostas em (Silveira Jr., 2006). Cf. também: *Transformática: Pesquisa original em comunicação*, em: http://www.facom.ufjf.br/lumina/R3_potiguara.doc

abordagem que difere daquelas de linhagem hermenêutica (filosofia, psicologia, sociologia, etc.) por operar com *fatos*, criando-os ou acoessando-os (e não interpretando) até o ponto em que, por se in-diferenciarem, possibilitem a suspensão dos sentidos estabelecidos e, daí, a criação de condições para o advento de novos fatos até então impedidos de se manifestar. Isto como consequência heurística e política do que Freud denominou “retorno do recaiado” enquanto requisito para a efetivação de qualquer análise.

Trata-se de uma abordagem clínica das formações e de suas transformações, que abrange tanto as manifestações das pessoas quanto as ocorrências do mundo para descrever os níveis vinculares (comunicacionais, portanto) e os jogos de poder em que estão imersas. Aposta-se que esse modo de operação possibilite destacar conexões e resultantes políticas mais adequadas ao entendimento e à intervenção nos acontecimentos do século 21.

Brasil: 1970-1990

Tomemos, então, o caso de Hilda Hilst⁸ (1930-2004), que, no final dos anos 1980, “sabendo que escrevia muito bem, mesmo não sendo lida”, começa a “sentir um afastamento completo de todo mundo” – “eles nunca me liam, nunca” (Hilst, 1999: 29) – e decide escrever um texto pornográfico, *O Caderno Rosa de Lori Lamby*, como “uma coisa que, de repente, eles gostassem de ler”. Sua decisão era de “fazer umas coisas porcas” (*id.*, p. 30) para ser consumida. Passados mais de quinze anos de sua publicação em 1990, sabemos que o livro não vendeu o esperado, embora tenha servido para lhe trazer certa visibilidade midiática. Vejamos, em retrospectão, alguns aspectos do caso e da época.

Em 1973, o filme *Vai Trabalhar Vagabundo*, de Hugo Carvana, apresenta uma cena que podemos tomar como um ponto, se não inicial, pelo menos bastante notável e de não-retorno quanto ao que acontece depois em nossa cultura de massa. A câmera percorre casas de uma favela do Rio de Janeiro ao som da música *Flor da Idade*, de Chico Buarque, com os seguintes versos:

Na hora certa, a casa aberta, o pijama aberto, a família
A armadilha
A mesa posta de peixe, deixe um cheirinho da sua filha
Ela vive parada no sucesso do rádio de pilha
Que maravilha!

É, em seu nascedouro, um ótimo exemplo de som, visão e olfato brasileiros da explicitação do apagamento das fronteiras – entre público / privado, casa / rua, morro / asfalto, eu / outro, etc. – que, já avançada em outros países, urgia ser processada (mental, social e esteticamente) aqui. A partir de então, só cresce o movimento de exposição de

⁸ O presente trabalho retoma e aprofunda alguns pontos apresentados em (Silveira Jr., 2007).

(quase) tudo para todos – e de todos para tudo –, que se amplia e se aperfeiçoa com o desenvolvimento tecnológico dos meios de captação e difusão de textos, imagens e sons.

Dezessete anos depois, em 1990, temos o espetáculo da morte do esqualido Cazuzza (nascido em 1958) e a AIDS não mais pode ser ignorada. Ao contrário, ela obriga a falar do sexo e de sua prática como algo a ser tecnicamente considerado – caso contrário, estava evidente que seu lado letal prevaleceria. Desde 1982, quando é diagnosticado nos EUA o paciente zero da futura pandemia do “câncer gay” (Barabási, 2002: 123), a rede dos infectados e/ou mortos já somava alguns milhões pelo mundo. Ou seja, foi preciso um estrago desses para que a prática sexual corporal começasse a ser tratada sem alguns dos impedimentos que Freud denunciava e lamentava em 1905⁹. Parece, aliás, inerente ao humano só considerar certas coisas mediante pressão, se não mutilação física. A alguns, entretanto, acontece serem esteticamente afetados por outros modos de percepção. É o caso de Hilda, que, em 1963, abandona sua intensa vida social para dedicar-se exclusivamente à produção de sua obra – com os resultados que conhecemos.

Ela – que ouvia vozes, falava com mortos e via discos voadores – foi exemplar ao captar com acuidade a consolidação, no Brasil, do entendimento da crise dos fundamentos e da queda das fronteiras que muito impulsionaram o esmaecimento de diferenças até então supostamente claras como aquela entre pornografia e erotismo. Esmacimento este visível em países com mercado pornográfico desenvolvido e cuja estética já se estendera ao *mainstream* (das depilações pubianas de homens e mulheres às técnicas de filmagens de cenas amorosas no cinema tradicional). Aqui, a década de 1990 é quando todos, consciente ou inconscientemente, se dão conta de que não é mais possível alegar “inocência” em relação a nada – escândalos político-financeiros, atos terroristas, cinismos familiares, práticas sexuais heterodoxas, balas perdidas, etc. –, pois, para bem ou para mal, éramos planetariamente partícipes e concernidos num mundo nunca antes experimentado assim.

Um fato pornoerótico

O que faz Hilda, então? Cria um *fato*: declara querer ser lida pelo grande público – no qual, ato contínuo, prega uma peça. Se, ao contrário da alta literatura, a pornografia era lida por muitos, aceitariam estes uma Lori Lamby, de oito anos, que se compraz em receber cartas como a reproduzida abaixo?

Minha libélula, minha rainha menina, minha gazela de cona pequena, quero
passar meu bico-pica nos teus um dia pêlos-penas, tuas invisíveis plumas, chupa
teu Abelzinho com tua boca de rosa, menina astuta, abre teu cuzinho de pomba,

⁹ Diz Freud no prefácio à segunda edição, dez. 1909, de seus *Três Ensaios* ([1905]): “...é seu ardente desejo [do autor] que o livro envelheça rapidamente – que o que nele, uma vez, foi novidade, possa tornar-se geralmente aceito e que o que nele estiver imperfeito possa ser substituído por algo melhor” (p. 129).

enterra lá dentro o dedo-pirulito de quem te ama, e pede mais, mais!
esfrega tua bocetinha de mini-pantera na minha boca de fera, deixa a
minha língua dançar nas tuas gordas coxinhas, minha boneca de seda,
de açúcar com groselha, mija amornada na minha pica, sentadinha nela,
defeca sobre minha barriga, Lorinha-estrela, bunda de neve, diz com
a boca molhada de meu sêmen e do mel da tua saliva, diz que Lorinha
quer mais! minha menininha, a carta já está toda empapada, amanhã
escrevo mais (Hilst, 90: 65)¹⁰.

Se concedermos que este trecho pode ser qualificado como chulopoético¹¹,
desmorona a fronteira que separava itens necessariamente componentes da alta ou
da baixa cultura (que tanto preocupava os frankfurtianos). E mais, seria ingênuo
pensar que Hilda, mesmo pretendendo escrever para leitores que gostam de ler
“bandalheiras” desse tipo, não soubesse que estava tratando seu tema de modo
pouco ou talvez definitivamente não palatável para eles.

Alegando querer se “alegrar um pouco” (Hilst, 1999: 29), na verdade,
como dissemos, expõe uma passagem entre dois campos supostamente opostos –
pornografia e erotismo –, mas bastante emblemáticos do que ocorria no panorama
chamado pós-moderno, o qual, à época, ainda não mostrara muito sua versão
brasileira. Sua originalidade não está em expor – isto Nelson Rodrigues já
fizera –, mas sobretudo em expor-se nessa mostra¹². Podemos dizer que ela,
ficcionalmente, constrói um generalizado *reality show* recheado de situações das
quais, queiramos ou não, participamos de algum modo. Se o que cantava Chico
Buarque nos anos 1970 ainda podia ser relegado a acontecimentos circunscritos ao
ambiente das favelas, agora tudo se expandia e se passava num lar de classe média
intelectualizada, onde cotidiano, bandalheira e loucura conviviam e envolviam
explosivamente toda a família.

¹⁰ Trecho que chamou a atenção ao vê-lo destacado em trabalho de graduação para nossa disciplina “Estética e Comunicação de Massa” (2005).

¹¹ Podemos chamar assim pela posituação do pornográfico que vemos em sua obra. Neste sentido, podemos concordar com o título do artigo de Alcir Pécora, organizador da obra completa de Hilda Hilst: “Não é pornográfica a pornografia de Hilda Hilst” (1991). Por outro lado, achamos inexato quando diz: “É totalmente improvável uma ereção ao ler a Hilda obscena. A adesão pornográfica, no caso dela, trata de escancarar, em primeiro lugar, os próprios dilemas da criação literária. Além disso, o registro obsceno é visceral em toda a sua obra madura” (*apud* Nina, 2007). Achamos inexato por várias razões. Por exemplo, quando um estudante foi cumprimentá-la por sua obra pornoerótica, Hilda lhe perguntou: “Você sentiu tesão? Se não sentiu, não valeu nada”.

¹² A quarta capa da primeira edição do livro (ilustrado por Millôr Fernandes) reproduz um retrato seu aos seis anos (de 1936) com a legenda: “Ela foi uma boa menina”.

Daí o incômodo daqueles que, não admitindo a sensação de estranheza familiar¹³ suscitada pelo texto, dizem que uma menina de oito anos não poderia fazer ou mesmo conceber aquilo. Uma olhada nos blogs da garotada de hoje talvez nos informe melhor sobre os níveis de inteligência aí em jogo (Silveira Jr., 2006: 188) – e também sobre o quanto Hilda expressa da necessidade de trazer à tona o máximo do recalco para, só depois, tornar possível arriscar alguma proposta para minorar minimamente o mal-estar indissolúvel da situação do humano no mundo. Então, ao contrário de lamentar a “superexposição” decorrente do surgimento de um “espaço-tempo tecnológico”, como fizera Paul Virilio ([1984]: 14), ou afligir-se com simulacros e simulações que aboliriam a transcendência, caso de Jean Baudrillard ([1981]), ela acelera a exposição, a simulação e a imersão num tema – a pedofilia e suas implicações – que afeta a todos e que, enquanto permanecer mal descrito, não poderá ser devidamente tratado.

Isto nos interessa, pois vemos nela um exemplo bem sucedido de aplicação do conceito de In-diferenciação a que aludimos no interlúdio teórico acima. Como evidenciam os detalhes das descrições e a própria estrutura da construção do texto do *Caderno Rosa*, em que ficção e realidade se permutam, se esvaziam e se reviram, In-diferenciação não é desprezo, descaso ou descuido, e sim interesse pleno e o mais abrangente possível por tudo que ocorre ao humano, do vulgar ao sublime, pois, se lhe ocorre assim, há razões para tal. É condição primeira entender ao máximo o *como* de um acontecimento se quisermos uma administração mais adequada de seus efeitos, ou mesmo se pretendermos à ultrapassagem de suas conseqüências eventualmente nocivas.

Querer ser lida pelo grande número foi um *fato* criado por Hilda. Mesmo que, depois, dissesse que “foi o único momento em que esperei algo do leitor” (Hilst, 1999: 41), o mais permanente nela sempre foi: “Nunca pensei no leitor. Eu não tenho nada a ver com o leitor” (*id.*, p. 40). E mais: “Acho que fiz um trabalho deslumbrante, se entendem ou não, se leram ou não, eu não tenho nada a ver com isso” (*id.*, p. 41). Trata-se, pois, de um fato midiático deliberadamente equivocante, um artifício que repercute até hoje e torna espantoso – se não, aterrorizante – ver como a mídia (e psicanalistas na mídia) ainda trata do tema “pedofilia” sem critérios mais abstraentes. Sob pretexto de alertar a população, o que se busca, na maioria das vezes, é imputar à

¹³ Expressão que é uma das traduções possíveis para o inquietante *Unheimliche* estudado por Freud: “*Heimlich* é (...) uma palavra cuja significação evolui em direção de uma ambivalência, até terminar por coincidir com seu contrário *unheimlich*”. Segundo Schelling, este último termo designa “tudo que devia permanecer secreto, na sombra, e que dela saiu” (Freud [1919h]: 222-223).

doença ou ao crime ocorrências que, mesmo envolvendo os menores, dificilmente se encaixariam no item “afeição [*philia*] pela criança”. Deixemos isto apenas indicado aqui, pois já tratamos alhures (Silveira Jr., 2006: 133-142)¹⁴.

Quanto ao tema da pornografia, parece que a mídia (escrita, pelo menos), mesmo não abandonando o caráter moralista, seja mais desinibida em sua abordagem do que professores e psicanalistas. Um exemplo pode ser visto na notícia sobre o lançamento da tradução do livro de Bruna Surfistinha e do florescimento do segmento “literatura de programa”¹⁵, na qual reporta-se o que uma professora de literatura teria dito: “O livro de Bruna Surfistinha e seus similares não são eróticos, porque a literatura erótica mobiliza a fantasia, o que não ocorre com esses diários das ex-prostitutas”. Depois de Freud, é difícil supor que algum texto (ou mesmo qualquer exposição) não mobilize a fantasia. Na seqüência, lemos que “esses livros são moralistas, não têm nada de transgressão”. Que sejam moralistas, podemos admitir, mas o que tem transgressão a ver com erotismo? Não podemos hoje pensar para além das considerações de Georges Bataille (1897-1962) sobre o tema, que, mesmo sendo brilhantes e esclarecedoras, são evidentemente datadas¹⁶? A fantasia expressar-se não implica transgredir nada do ponto de vista próprio da fantasia, mas apenas em relação a regras culturais eventualmente contrárias à sua manifestação. Tudo que há é manifestação de alguma fantasia, ainda que a de um suposto Deus. E o que, por sua vez, teriam declarado dois psicanalistas citados na matéria soa, no mínimo, ainda mais descabido e, no máximo, desesclarecedor. De que serve afirmar que esses livros são utilizados pelas autoras para “matar” seu lado prostituta? Que “é como se fosse um enterro. A própria escrita deve servir como ritual de purificação. Tem peso simbólico de retomada de sua ‘verdadeira’ condição”? Não ganharíamos mais em entendimento perguntando se, depois de Marx e Freud, a condição de “ex-” prostituta(o) ainda está disponível para alguém¹⁷?

¹⁴ Cf. versão online, publicada no *Observatório da Imprensa*, em 31 junho 2002: <http://www.observatorio-daimprensa.com.br/ofjor/ofc310720024.htm>

¹⁵ “Literatura de Programa”. Reportagem de Laura Mattos, publicada na primeira página do caderno “Ilustrada”, Folha de São Paulo, 03 set. 2006, p. E1 e E3.

¹⁶ Cf. (Magno [1996]: 73 e 75): “Na pág. 250 de *L'Érotisme* (...), [Bataille] diz que ‘...o erotismo difere da sexualidade dos animais no que a sensualidade humana é limitada por *proibições* e no que o domínio do erotismo é o da *transgressão* dessas proibições. O desejo do erotismo é o desejo que triunfa das proibições’ (grifos meus)”. Ao que Magno comenta: “Não é que ela *supere* ou *transgrida*, e sim que *indiferencia* e lança nossa formação erótica (ou qualquer outra) para qualquer lugar, para qualquer recanto das possibilidades do Haver. [...] Para nós outros, supostamente humanos, não há programa obrigatório”.

¹⁷ Cf. Lori Lamby: “Por que será que ninguém descobriu pra todo mundo ser lambido e todo mundo ia ficar com dinheiro pra comprar tudo o que eu vejo, e todos também iam comprar tudo, porque todo mundo só pensa em comprar tudo” (Hilst, 1990: 17).

In-Diferenciação: Erotismo e Santidade

Não há novidade em dizer que os fundamentos, valores e fronteiras em vigor até as últimas décadas do século 20 não puderam conter a exposição generalizada de sua indiferenciação diante da disseminação tecnológica ocorrida em âmbito planetário a partir dos anos 1980. Diversos autores já escreveram sobre isto. Alguns até consideram esta indiferenciação nostálgicamente, tomam-na como uma relativização destruidora do melhor das produções éticas e culturais havidas até então. Quanto a nós, supomos que a aplicação do conceito de In-diferenciação, ao contrário, possibilita uma posição mais firme para a análise desses acontecimentos. Possibilita, também, utilizarmos outro conceito, o de *Vínculo Absoluto* (Magno [1993]), que, para quem e além do regime simbólico a que aludimos no início, se caracteriza por ser esvaziante dos conteúdos dos demais vínculos (naturais, culturais, etc.) – que são apenas relativos, e não absolutos – e por dar condições de visibilidade à não-diferença, ao ponto de neutralidade que justamente está na origem de qualquer vínculo. Remeter qualquer conteúdo a esse ponto de vinculação não-diferenciado originário enseja tomar os tais fundamentos, valores e fronteiras como meras formações a serem consideradas em função de sua adequabilidade (política, social, econômica, mental), *i.e.*, de sua operacionalidade em situação, caso a caso. Não mais conseguir manter o vigor da força diferenciadora dessas formações talvez se deva a que seu prazo de validade está vencido e outros passos adiante precisam ser dados – passos estes constitutivos das novas forças em sintonia com a dinâmica do momento atual. Portanto, isto não é de ser lamentado, pode ser positivamente tomado como ocasião para fazer valer muitas formações que foram recalcadas para dar vez à hegemonia anterior. Desde Freud, pelo menos, sabemos que as formações não perdem sua força por serem recalcadas, apenas entram em compasso de espera, como verificamos nas emergências de rebelião ao longo da história.

No início deste artigo, colocamos a questão sobre a frase desafiadora de Bruna fazer eco à súplica de Santa Teresa. Consideradas as devidas proporções quanto ao grau dos exercícios espirituais de cada uma¹⁸, parece-nos inegável que o século 21 tem que estar ciente de que sempre será invectivado por vinculações desse tipo. Isto porque é próprio dele ser assim. Denegar isto é um retrocesso em que não caiu Hilda, que teve uma percepção precisa do que estava por vir à tona em diversos momentos cruciais. Tanto pôde esvaziar-se e trocar os conteúdos de sua vida aos trinta e três anos quando deixou de frequentar a sociedade, quanto entendeu a pressão indiferenciante no Brasil dos anos 1990 e foi fundo no trato estético da pornografia a ponto de in-diferenciá-la em

¹⁸ A In-diferenciação não implica inexistência de diferenças, e sim sua equivalência quando (e só quando) vistas do lugar do Vínculo Absoluto.

pornoerotismo. Sua lida desenvolta com qualquer conteúdo também nos serve para exemplificar a referência ao Vínculo Absoluto citado no parágrafo anterior, vínculo este que vincula (não todos entre si, mas) todos a ele. À guisa de exemplo, vejamos o que diz ela: “O erótico, para mim, é quase uma santidade. A verdadeira revolução é a santidade” (Hilst, 1999: 31). Temos aí não apenas a ligação indiferenciadora do pornográfico com o erótico, mas sobretudo a indicação do esvaziamento de ambos na santidade. Por isso, nossa menção a Santa Teresa, ela, que, extática, esvaía-se (perigosamente¹⁹) na busca de seu “Esposo” e se impacientava com tudo que fosse apenas conteúdo terreno.

Interessa-nos ressaltar o caráter *místico* aí em jogo, o qual, para a Transformática, fora dos ditos misticismos ao gosto do mercado das religiões, significa simplesmente a vocação pulsional (Freud [1920]) que a psicanálise verifica ocorrer no humano e no cosmo: um ineliminável e constante movimento de afastamento de tudo que o mundo oferece para disponibilizar-se ao máximo à In-diferença²⁰. Quando isto ocorre a alguém, ele necessariamente extrapola a situação em que está inserido. É o caso de Santa Teresa, que, para além e aquém de suas amarras e metáforas amorosas cristãs, não pode se conter e declara sentir-se “como quem morreu inteiramente ao mundo” ([1577]: 101)²¹ – fato que, como dissemos, trouxe-lhe inúmeros problemas com a Igreja. Em Hilda, suas metáforas declaradamente libertinas se vêem ultrapassadas pela constatação: “Chega uma hora, quando você vai envelhecendo, vai dando um desapego, você não se importa mais com nada. (...) É assim que me sinto: ninguém, ninguém” (Hilst, 1998: 13). Este “ninguém” é o fio condutor para o Vínculo Absoluto – e também para entendermos a explosão de outra fronteira, aquela entre sujeito e objeto, tão cara às epistemologias do século 20, mas não mais necessária para pensar a produção do conhecimento em nossa contemporaneidade.

Esperamos que estes apontamentos possam endereçar a possibilidade de consideração da comunicação e da expressão estética do momento atual segundo critérios que descrevam e operem com os pontos mais abstratos das comunicações trazidas desde sempre pelos grandes criadores. São critérios não subservientes a conteúdos – sobretudo, aqueles de índole greco-judaico-cristã – que, mesmo com

¹⁹ “A meu parecer, há neste caminho espiritual duas ocasiões que são perigo de morte. Uma é essa angústia, que é verdadeiramente perigosa – e não pouco. Outra, a felicidade e deleite excessivo, em tão grande extremo, que realmente a alma parece desfalecer” ([1577]: 223).

²⁰ É o que Freud ([1920]) chamou de pulsão de morte como movimento que visa à extinção absoluta de si mesmo.

²¹ [A alma] “Sente grandíssimas ânsias de morrer. Com lágrimas, pede continuamente a Deus que a tire deste desterro. Tudo quanto vê no mundo a cansa” ([1577]: 176).

seu caráter circunstancial explicitado a cada dia pela vigência do cinismo difuso atual²², ainda atravancam a assunção de que os fundamentos para o humano não só caíram ou entraram em crise (ética ou outra), eles são puro vazio. Vazio este a ser (não evitado, mas) tomado como referência primeira para qualquer análise ou reflexão sobre os transes, transações e transiências – ou seja, sobre as comunicações e transformações – que ocorrem conosco e à nossa volta.

Referências

- BARABÁSI, Albert-László. [2002] *Linked. How everything is connected to everything else and what it means for business, science, and everyday life*. Nova York: Plume, 2003.
- BATAILLE, Georges. [1957] *L'Érotisme*. Paris: Gallimard, 1987. Oeuvres Complètes, vol x, p. 7-270.
- BAUDRILLARD, Jean. [1981] *Simulacro e Simulação*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- ECO, Umberto. [1968] *A Estrutura Ausente: Introdução à pesquisa semiológica*. São Paulo: USP/Perspectiva, 1971. Trad.: Pérola de Carvalho
- FREUD, Sigmund. [1920g] *Além do Princípio do Prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. ESB, vol. XVIII: p. 13-85. Tít. orig.: *Jenseits des Lutzprinzips*
- _____. [1919h] *L'Inquiétante Étrangeté*. In: *L'Inquiétante Étrangeté et Autres Essais*. Paris: Gallimard, 1985 : p. 209-263. Trad.: Bertrand Féron. Tít. orig.: *Das Unheimliche*
- _____. [1905d] *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. ESB, vol. VII: p. 123-253.
- HILST, Hilda. *O caderno Rosa de Lori Lamby*. São Paulo: Massao Ohno, 1990.
- _____. *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1999. nº 8, out.
- _____. *Cult: Revista Brasileira de Literatura*. São Paulo, no. 12, jul 1998. p. 6-15
- KURZWEIL, Raymond. *The Singularity is Near: when human transcend biology*. Nova York: Viking, 2005.
- _____. *The Age of Spiritual Machines: when computers exceed human intelligence*. Nova York: Penguin, 1999. Trad. bras.: *A Era das Máquinas Espirituais*. São Paulo: Aleph, 2007.
- MAGNO, MD. [2002] *Psicanálise: Arreligião*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2005.
- _____. [1998] *Introdução à Transformática*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2004.
- _____. [1997] *Comunicação e Cultura na Era Global*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2005.
- _____. [1996] *"Psychopathia Sexualis"*. Santa Maria: Editora UFSM, 2000.

²² "...contra o tal cinismo difuso contemporâneo, só mesmo ficar absolutamente a favor da expressão de todo e qualquer cinismo. Para que assim ele deixe de ser meramente 'difuso' e passe a ser *evidente e assumido*". Cf. Magno [2002]: 150. Cf. também o artigo: *Cinismo: caminho necessário da contemporaneidade?*, disponível online: <http://www.facom.ufjf.br/lumina/R8-MD%20Magno%20HP.pdf>

- _____. [1993] *A Natureza do Vínculo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- _____. [1992] *Pedagogia Freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- NINA, Cláudia. Em Casa com a Indomesticável Hilda. EntreLivros, São Paulo (SP), ed. 28, ago. 2007.
- PÉCORA, ALCIR. Não é pornográfica a pornografia de Hilda Hilst. Correio Popular, Campinas (SP), v. 1, 07 nov. 1991
- PINKER, Steven. [2002] *Tábula Rasa: a negação contemporânea da natureza humana*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- SANTA TERESA DE JESUS. [1577] *Castelo Interior ou Moradas*. 10ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- SURFISTINHA, Bruna. *O Doce Veneno do Escorpião*. São Paulo: Panda books, 2005.
- SILVEIRA Jr., Potiguara Mendes da. *Artificialismo Total. Ensaio de Transformática. Comunicação e psicanálise*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2006.
- _____. (org.). "O pornoerotismo do "Caderno Rosa": um pequeno dossiê". COMUM, vol. 13, n° 28, jan-dez 2007. O artigo inclui textos dos alunos de graduação: Clarice Fernandes, Érica Cristina Procópio Campos, Flávia Vilela e Iara Marques do Nascimento
- TRIGO, Luciano. *Uma heroína de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 12 abr 2006.
- VIRILIO, Paul. [1984] *O Espaço Crítico; e as perspectivas do tempo real*. São Paulo: 34, 1993.
- SLOTERDIJK, Peter. [1999] *Regras para o Parque Humano; uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.